



## CIRCULAÇÃO TRANSNACIONAL DE OBJETOS E REPRODUÇÃO SOCIAL ENVOLVENDO MIGRANTES SENEGALESES

Kassoum Dieme<sup>1</sup>

Leonardo Cavalcanti<sup>2</sup>

**Resumo:** A circulação transcontinental de objetos, envolvendo migrantes senegaleses e seus parentes, é um fenômeno antigo que continua atual. Ela apresenta várias dimensões e sentidos. Neste artigo, explora-se a relação entre esta circulação com a reprodução dos laços sociais com a origem, essencialmente a partir de práticas transcontinentais de migrantes senegaleses, considerando os contextos europeus e americanos na contemporaneidade. A abordagem transnacional e as entrevistas realizadas nos permitiram observar uma ligação entre migração, trabalho, religiosidade, movimentos transnacionais de objetos e laços sociais em contexto de globalização.

**Palavras-chave:** Circulação transcontinental de objetos, senegaleses, reprodução social.

**Transnational objects circulation and social reproduction involving senegalese migrants**

1 Universidade de Brasília (UnB) – Brasília – Brasil – Bolsista do CNPq – [kdieme@hotmail.com](mailto:kdieme@hotmail.com) – Orcid – <https://orcid.org/0000-0002-0623-4575>

2 Universidade de Brasília (UnB) – Brasília – Brasil – [leo.cavalcanti.s@gmail.com](mailto:leo.cavalcanti.s@gmail.com) – Orcid – <https://orcid.org/0000-0002-9592-3005>

**Abstract:** *The transcontinental circulation of objects, involving Senegalese migrants and their relatives, is an ancient phenomenon that still happening. It has several dimensions and senses. This article explores the relationship between this circulation and the reproduction of social ties with origin, essentially from transcontinental practices of Senegalese migrants, considering the European and American contexts in contemporary time. The transnational approach and the interviews allowed us to observe a connection between migration, work, religiosity, transnational movements of objects and social ties in the context globalization.*

**Keywords:** *Transcontinental circulation of objects, Senegalese, social reproduction.*

### **Circulación transnacional de objetos y reproducción social que involucra a migrantes senegaleses**

**Resumen:** La circulación internacional de objetos, en la que participan migrantes y sus familiares, es un fenómeno antiguo que sigue ocurriendo. Presenta varias dimensiones e sentidos. Este artículo explora la relación entre esta circulación y la reproducción de vínculos sociales con el origen esencialmente a partir de prácticas transnacionales de migrantes senegaleses, teniendo en cuenta los contextos europeos y americanos contemporáneos. El enfoque transnacional y las entrevistas realizadas nos permitieron observar una conexión entre migración, trabajo, religiosidad, movimientos transnacionales de los objetos y lazos sociales en contexto de globalización.

**Palabras clave:** Circulación intercontinental de objetos, senegaleses, reproducción social.

### **Introdução**

A circulação de objetos envolvendo migrações é uma prática antiga. No entanto, este trabalho analisa aquela que ocorre nos tempos atuais entre imigrantes em países dos continentes europeu e americano – França, Espanha e Alemanha; Brasil e Canadá – e sua origem: o Senegal. Trata-se de contextos com os quais este país tem respectivamente uma relação migratória mais estabelecida e de países que se tornaram (mais) atrativos para emigrantes senegaleses nas últimas décadas. A análise da circulação intercontinental de objetos na

contemporaneidade será feita a partir da ação ou envolvimento dos migrantes senegaleses presentes nestes lugares. Ela será, no entanto, precedida por uma breve contextualização da migração entre o Senegal e estes dois continentes, com uns destaques.

No que se refere à Europa, a emigração de senegaleses precisa ser abordada mencionando a colonização europeia em África, pois o início da circulação de objetos entre ambas está ligado à presença de objetos trazidos da Europa pelos migrantes colonizadores e ao envio de diversos objetos da África para o “velho continente”. De acordo com Glória Kok, “nos Séculos XVI e XVII, com a expansão ultramarina dos europeus, renovou-se o interesse pelos objetos coletados na Ásia, na África, na América e na Oceania, que no Ocidente moderno tornaram-se símbolos da acumulação de posses e de poder” (Kok, 2018: 02. Tradução nossa).

Migrações entre “metrópole” e “colônia” costumam ser referidas pela literatura (Uebel, 2018; Alves, 2017; Tall e Tandian, 2011a; Bruzzone *et al.*, 2006; Sayad, 1998), assim como pelo cinema de Sembène<sup>3</sup>. Em território senegalês, sob domínio francês, houve êxodo rural para as periferias urbanas e migrações forçadas de militares “para a África e para a Europa onde estes ficaram após as grandes guerras” (Tall e Tandian, 2011a: 02. Tradução nossa). Lacroix *et al.* (2008) afirmam que, “durante este primeiro período a emigração é organizada pela administração colonial, e particularmente a dos soldados durante as duas guerras mundiais” (Lacroix *et al.*, 2008: 25. Tradução nossa). Espontâneas, estas migrações se dirigiram inicialmente para as ditas antigas colônias francesas da África e para a metropolitana, bem como para países limítrofes (Tall e Tandian, 2011a; Bruzzone *et al.*, 2006). Em um sentido ou em outro, as migrações pressupõem algum tipo de circulação de objetos.

Quanto à circulação de objetos da África para a América no passado, esta remete inevitavelmente à de africanos objetivados e comercializados nas Américas (Romão, 2019; Ménard-Marleau, 2018; Uebel, 2018; Alves, 2017; Theodoro, 2008). Ménard-Marleau (2018: 58) expõe a distribuição de pessoas negras por seus “donos” brancos europeus em quase todos os territórios da América. Partindo dos documentos do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Século XVIII, e de João de Mattos Silva (1904), Alves (2017) assinala que também vieram do “Atlântico português” da África para o Brasil objetos materiais como o marfim, a cera e o azeite (2017: 141-142), mas também a imagens e práticas culturais (Romão, 2019). Nas palavras de Alves, “como testemunhas materiais, muitos

3 Ver filmes como *Ndiaye*, *La Noire de...*, *Le Mandat*, *Camp de Thiaroye*, *Guelewar* e *Mooladé*.

objetos de marfim estão presentes até os dias atuais nos acervos de museus nacionais e internacionais, com destaque para as peças de origem africana, em especial os saieiros” (Alves, 2017: 139).

Este trabalho não pretende se aprofundar na circulação histórica de objetos entre o Senegal e a Europa e América, mas sim a assinalar antes de analisar suas formas na contemporaneidade das migrações senegalesas para países europeus e americanos. É preciso notar que, no Senegal, a crença na emigração como caminho de ascensão social, relacionada à mundialização, ao desenvolvimento tecnológico (Ndione, 2018; Tall e Tandian, 2011a; Bruzzone *et al.*, 2006) e à aquisição de bens materiais é comum. Uma vez em migração, nota-se a existência de uma circulação de objetos materiais entre migrantes e seus parentes. Como será mostrado no texto, a circulação intercontinental de objetos que os envolvem ocorre num mundo globalizado e evidencia tanto a questão da reprodução dos laços sociais como o sentimento de pertencimento ao país de origem e de estar vinculado ao de residência.

No tocante à globalização, Ribeiro (2011) a define de duas maneiras: primeiro, ele a entende como “o aumento da circulação de coisas, pessoas e informações em escala global”; depois, ele a relaciona “com o reembaralhamento das relações entre lugares. Globalização é o aumento da influência do que não está aqui, aqui” (Ribeiro, 2011: 07). Neste sentido, a contemporânea imigração senegalesa no Brasil ou Canadá e na França, Espanha ou Alemanha pode em parte ser explicada por este fenômeno, apesar das especificidades da dinâmica da circulação dos objetos entre migrantes e seus familiares que não migraram.

Em ambos os contextos continentais, a circulação de objetos ocorre antes, no ato migratório ou depois deste, apresentando outras dimensões, como o reforço dos laços sociais entre conterrâneos migrantes residentes no mesmo país ou não, o estar no transnacionalismo, passando pela intenção de promover o desenvolvimento social (Rémy e Ndione, 2020).

Para realizar este trabalho, foram feitas nove entrevistas semiestruturadas respectivamente com senegaleses (as) residentes na Europa (França: 1, Espanha: 1, Alemanha: 2) e na América (Brasil: 2, Canadá: 3). Estas entrevistas foram realizadas entre novembro e dezembro de 2020 por meio dos aplicativos *WhatsApp* ou *Facebook* e algumas delas ocorreram em mais de uma ocasião. A escolha pelo “campo virtual” para obter dados primários se deu pelo fato dos interlocutores se encontrarem em diferentes países do Norte e Sul globais, em mais de um continente, e pelo fato do mundo estar vivendo uma crise sanitária desde o começo daquele ano, dificultando (ainda mais) para muitas pessoas o deslocamento internacional.

Para analisar a circulação intercontinental de objetos, é pertinente focar o olhar nos continentes europeu e americano, que são respectivamente destinos “tradicional” e “novo” da emigração intercontinental senegalesa (Ménard-Marleau, 2018; 2017; Ndione, 2018; Uebel, 2018; Sakho *et al.* 2017; Tedesco e Kleidermacher, 2017; Kleidermacher, 2017). Neste sentido, a escolha dos países pretende atender à diversidade em termos de tipos de destino e de ampliação dos novos num contexto marcado por políticas migratórias restritivas nos países do Norte global.

Quanto aos entrevistados, foram 2 mulheres e 7 homens. Trata-se de pessoas que emigraram há pelo menos um ano, tendo como motivo principal da (última) migração “o estudo (4)”, “o trabalho (2)” ou “a reunião familiar (3)”. A maioria destas pessoas (7) havia emigrado mais de uma vez para chegar ao seu lugar de residência atual. Praticamente todas elas (8) efetuam regularmente envios de dinheiro e periodicamente de objetos a parentes – no sentido amplo da palavra – e também recebem ocasionalmente coisas que estes lhes enviam desde o Senegal. Os nomes que lhes foram atribuídos aqui são fictícios.

## Migrações internacionais senegalesas para África, Europa e América

Falar de migrações internacionais no caso do Senegal remete basicamente a três dimensões: a presença de estrangeiros residentes no país, ou que por ele transitam, a presença de senegaleses em outros países, sejam eles da África ou de outro continente (Sakho *et al.* 2017; Ndione, 2018; ANSD, 2020), e o retorno.

### O retorno

Embora em muito menor proporção por causa “das condições socioeconômicas do Senegal” com os quais são “confrontados os senegaleses do exterior candidatos ao retorno” (Marfaing, 2003: 09), o Senegal é também um destino para migrantes retornados, voluntários ou forçados, de países do Sul ou do Norte (ANSD, 2013; ANSD, 2020). De acordo com os dados da pesquisa *Migrations entre l’Afrique et l’Europe (MAFE)* de 2008, houve tantos retornados da França quanto de países fronteiriços do Senegal (26%). No total, 48% deles saíram de um destes países, de outro da África Ocidental ou então da África Central. Os que retornaram de algum país europeu representaram 35% do total (ANSD, 2013). Em 2017, foi registrado, com base nos dados da Organização Internacional das Migrações (OIM), que o número de retornados senegaleses assistidos no mundo pela OIM era de 3.023 pessoas. Destes, 47% estavam em Níger e 38% na Líbia (ANSD, 2020). Estes dois países africanos representaram

85% dos senegaleses que receberam a ajuda da OIM para voltar a seu país. O retorno é uma dimensão complexa da migração internacional e, quando ocorre, não constitui em si o fim do processo migratório (Sayad, 2000).

## Imigração no Senegal

No que tange à imigração, constata-se nos estudos de Ndione (2018) e Bruzzone et al. (2006) que, no Senegal, residem cidadãos de todos os países em sua volta (Mali, Mauritânia, Cabo Verde, Gambia, Guiné-Bissau e Guiné Conakry), sendo os do último país a maior comunidade estrangeira. A imigração dos cidadãos do Golfo de Guiné, “composta majoritariamente por francófonos”, é registrada entre as minorias (Bruzzone et al., 2006).

Muito antes de sua independência em 1960, e da imigração predominantemente regional, os territórios senegaleses receberam colonizadores árabes muçulmanos já no Século XI (N’diaye, 2019); vários séculos depois, eles viram chegar a suas terras os franceses, cujo projeto colonial vigorou até a segunda metade do Século XX. Estes deslocamentos são aqui entendidos como migrações coloniais. No entanto, o país recebeu imigrantes e observou saídas de parte de seus cidadãos, tornando-se ultimamente um país por onde se transita (Sakho, et al., 2017; Tall e Tandian, 2011a. Tradução nossa). Como já anunciado, de certa forma, o Senegal está simultaneamente envolvido na emigração, imigração e trânsito (Ndione, 2018), além do retorno.

## Emigração de senegaleses

De modo geral, a emigração dos povos do Senegal para a África, a Ásia, a Europa e a América ocorreu inicialmente há muito tempo. Examinando alguns estudos (N’diaye, 2019; Tall e Tandian, 2011a; Bruzzone et al., 2006; Sakho et al., 2017), percebe-se que estas migrações passaram por mudanças no tempo e no espaço.

A exportação compulsória de pessoas da África negra para a África do Norte e para o mundo árabe, iniciada no Século VII, não parou oficialmente até o Século XIX (N’diaye, 2019). Este autor cita o historiador Ralph Austin, para quem o tráfico transaariano deportou vivos aproximadamente 7.400.000 africanos em praticamente 13 séculos – a esta cifra, somam-se 1.565.000 mortos a caminho e os 372 mil deixados no deserto ou em oásis (N’diaye, 2019: 200). Ainda de acordo este estudo, na parte oeste do continente, foram os almorávidas que lideraram o mesmo processo e destruíram em 1076 o Império do Gana, do

qual o Senegal fazia parte. “Os almorávidas<sup>4</sup> levaram consigo ouro e milhares de cativos” (N’diaye, 2019: 73).

Milhões de pessoas negras da África foram também exportadas à força para as Américas, objetivadas e exploradas por brancos europeus durante séculos (Theodoro, 2008; Ménard-Marleau, 2018). O trabalho de Uebel (2018) inclui os senegaleses nesta histórica transposição transcontinental de “objetivados”. Dieme (2016) menciona autores que apontam as restrições à imigração de pessoas negras em países latino-americanos no pós-abolição.

Passando para as saídas de senegaleses durante o período de colonização francesa (final do Século XIX, – segunda metade do século XX), Tall e Tandian (2011a) assinalam que primeiro eles emigraram para os países fronteiriços, além dos “eldorados” francófonos africanos e para França. Neste sentido, estas emigrações para a África e a França são, como diria Sayad (1998), filhas da colonização. Conforme Tall e Tandian (2011a), naquela época, os “precursores” das migrações de senegaleses para a França, em particular, eram militares, recrutados e deslocados à força<sup>5</sup>, fazendo parte dos quase 100.000 combatentes africanos, mais conhecidos como *Tirailleurs sénégalais*. Muitos destes permaneceram neste país europeu depois das Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Ainda de acordo com estes autores, posteriormente, a França passou a ser um país de acesso restritivo<sup>6</sup> a trabalhadores senegaleses a partir dos anos 1970, por causa da crise econômica que a Europa estava enfrentando no começo da década.

De acordo com Lobo, “para entender a dinâmica de envio e recepção de objetos e informações, é importante conhecer os arranjos locais que dão o tom da circulação de pessoas no contexto da emigração” (Lobo, 2012: 30). No Senegal, o desemprego é apontado como uma das causas principais da saída de sua população. A busca por trabalho é feita também nos países do Sul. Não sendo o desemprego e rendas baixas os únicos fatores de “expulsão”, Tall e Tandian (2011a) defendem que, de modo geral, senegaleses saem do país para ganhar mais e concebem a migração como “um elevador social” que permite realizar mais rapidamente projetos pessoais, familiares ou comunitários. Entende-se, portanto, a emigração de qualificados e empregados. Para Ménard-Marleau (2018),

4 Sendo inicialmente um grupo de religiosos, os almorávidas “tornar-se-ão uma ordem militar e religiosa que desencadeará uma guerra santa em 1042 para se apoderar das minas de ouro [na África ocidental] e controlar a vias de acesso” (N’diaye, 2019: 73).

5 O filme *Emitai* de Sembène Ousmane ilustra esse recrutamento compulsório para atender os interesses da metrópole: a França.

6 Outros autores (Fall, 2014; Kanté, 2008) fazem menção destas políticas francesas, relacionando-as à saída de senegaleses deste país para outros como o Canadá ou os Estados Unidos.

alguns dos demais motivos da emigração internacional senegalesa são: “[...] as remessas ligadas à migração, a difusão de ideias sobre o desenvolvimento no Ocidente [ou na África] e as histórias de migrantes bem-sucedidos” (2018: 45. Grifo e tradução nossos). Deve-se acrescentar que, além de situações de insegurança, os estudos levam à emigração de senegaleses (Fall, 2010), principalmente para fora da África. Portanto, não há resposta que dê conta de todas as causas destas migrações para perto ou longe.

Para garantir o direito ao trabalho e à segurança social a seus cidadãos, muitos países de destinos “clássicos” do Norte estreitam hoje em dia suas vias migratórias legais e controlam com mais rigor suas fronteiras terrestres. Diante deste contexto, observa-se uma transição da “bipolaridade” das migrações internacionais senegalesas para a França e “antigas colônias francesas” da África, com os quais tem vínculos geográficos, históricos e linguísticos (Kanté, 2008; Tall e Tandian, 2011a; Ndione, 2018), para a “multipolaridade” (Kanté, 2008). A Europa do Sul e os Estados Unidos começaram a se tornar novos destinos a partir das décadas seguintes. Bruzzone *et al.* (2006) destacam que a Itália é “um dos principais destinos [de] senegaleses desde o início dos anos 1990” (Bruzzone *et al.*, 2006: 03. Grifo e tradução nossa). O mesmo valeu para a Espanha (Ndione, 2018). Percebe-se ainda em Bruzzone *et al.* (2006: 20) que, em 1995, o número de senegaleses na França, Itália e Espanha era respectivamente estimado em 40.848, 32.953 e 6.657. Em 2013, estes números passaram na mesma ordem para 116.000, 79.000 e 59.000, segundo os dados da Divisão Populacional das Nações Unidas (Ndione, 2018).

Ao mesmo tempo em que a Europa do Sul começou a receber senegaleses, Marfaing (2003) identificou sua presença na Alemanha naquele decênio e no anterior. Em Bruzzone *et al.* (2006) foi indicado que, em 1995, havia 2.660 cidadãos senegaleses na Alemanha, algumas centenas na Suíça e na Bélgica. De acordo com Fall (2010), em 2004, a Alemanha era o segundo país europeu com mais estudantes senegaleses, à frente da Suíça, Bélgica e Itália. Ou seja, houve simultaneamente sinais de extensão dos destinos de senegaleses na Europa do Norte e do Sul. O caso destes países mostra que só a colonização não dá conta de explicar a imigração senegalesa na Europa. Os níveis de desenvolvimento econômico, as localizações geográficas, aspectos culturais e políticas migratórias de cada um desses países são elementos a levar em conta nestes casos.

Sakho *et al.* (2017: 33) mostram que os “migrantes senegaleses do Bassin [Arachidier<sup>7</sup> começaram a chegar] nos Estados Unidos e no Canadá no final

7 Área localizada no Centro-Sul do Senegal e cuja progressiva extensão atingiu regiões de Louga, Thies, Diourbel, Kaolack e Tambacounda (cf. Sakho *et al.*, 2017: 24-25).



dos anos 1990”. Com base em pesquisas nacionais<sup>8</sup> realizadas respectivamente nas décadas de 1990 e 2000, Ndione (2018) evidencia que, na América do Norte, instalaram-se 2,0% e 7,5% dos senegaleses no exterior. Para Kanté (2008), os Estados Unidos vêm recebendo senegaleses desde o começo dos anos 1980.

No caso daqueles recebidos pelo Canadá, muitos vêm de um país europeu, em particular da França, atraídos não só pela possibilidade de obtenção de “carteira de residência permanente”, mas também pelas oportunidades de trabalho (Fall, 2014). De acordo com os dados do governo do Quebec, entre 2002-2006, esta província recebeu 6.465 cidadãos da África Ocidental. Destes, os senegaleses eram a segunda maior nacionalidade, com 1.166 pessoas (DRS, 2007). Partindo dos seguintes estudos (DRS, 2007; Fall, 2014), cabe situar o aumento da presença senegalesa no Canadá a partir de meados dos anos 2000. A existência “em Dakar de agências privadas encarregadas de promover a vinda [direta da capital senegalesa] ao Canadá de diplomados e quadros senegaleses” a partir de 2008 (Fall, 2014: 13. Grifo nosso. Tradução nossa) se inscreve numa lógica de ampliação dos destinos no Norte global. Entre 2014-2018, os senegaleses ainda eram a segunda maior nacionalidade da África Ocidental recebida em Quebec (DRS, 2019). Na sua “maioria, são pessoas altamente qualificadas: mais da metade dentre eles têm um nível igual ou superior a um mestrado” (Fall, 2014: 12. Tradução nossa).

Um traço que merece menção na migração senegalesa para o Norte ampliado é a proporção de mulheres em relação aos homens. Tall e Tandian (2010) associam vários fatores internos e externos a esta “feminização”: “Na França, a imigração das mulheres só começou oficialmente com o desenvolvimento de programas de reunião familiar [a partir de 1974]” (Tall e Tandian, 2010: 01. Grifo nosso. Tradução nossa). A presença feminina é maior sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá, para onde migram muitas mulheres de forma autônoma (Fall, 2014; Tall e Tandian, 2010; Kanté, 2008; DRS, 2007). No caso do Quebec, entre 2002-2006, as mulheres senegalesas representaram 44,08% dos 1.166 imigrantes admitidos (DRS, 2007).

A busca por novos destinos visibilizados não se limitou ao Norte nem a vínculos históricos e linguísticos. Há presença de senegaleses em “nações árabes, do sudeste asiático e [n]a Rússia” (Uebel, 2018). Ménard-Marleau (2018), Sakho *et al.* (2017) e Tall e Tandian (2011a) indicam que a América Latina e/ou a Ásia estariam se transformando nos ainda “mais recentes” destinos dos senegaleses. Importa ressaltar que a falta de “vínculos linguísticos, históricos ou políticos”

8 São elas a *Enquête Migration et Urbanisation au Sénégal (1992-93)* e a *Enquête Sénégalaise auprès des Ménages (2004)* (Ndione, 2018).

(Ménard-Marleau, 2018) com o destino não é novo. Por outro lado, quando existem, estes vínculos não impedem necessariamente a aplicação de medidas administrativas proibitivas da imigração.

É relevante notar que os países da Europa do Sul, e os Estados Unidos, não permaneceram como uma alternativa acessível por muito tempo para migrantes do Sul global ou do Senegal em particular. Gabrielli (2008) associa o fechamento da Europa do Sul nos anos 2000 à segunda fase de um processo iniciado por estados como a França, nos anos 1973-1974<sup>9</sup>. A materialização da externalização das fronteiras europeias se observa mediante ações conjuntas da (ou com a) comunidade europeia envolvendo indiretamente no controle de suas fronteiras, estados de trânsito do norte da África ou da África Subsaariana (Die-me, 2016; Pian, 2009; Gabrielli, 2008). Neste sentido, Pian (2009) diz o seguinte:

Hoje, com efeito, os países europeus instauram novas políticas de regulação dos fluxos migratórios que, por um lado, se caracterizam por um endurecimento contínuo das condições de entrada e de estada na Europa e que, por outro lado, são acompanhadas por uma externalização do controle de fronteiras nos estados de origem et de trânsito (Pian, 2009: 250).

No tocante à América, foram adotadas restrições migratórias no começo da década de 2000 nos Estados Unidos (Tall e Tandian, 2011a), o que impôs ainda mais a busca por novos horizontes. Assim, percebe-se a relação entre estes fechamentos e a busca de emigrantes senegaleses – inclusive aqueles que já se encontravam na Europa (Fall, 2014; Tall e Tandian, 2011a) – por novos destinos (Tall e Tandian, 2011a). Tedesco e Kleidermacher (2017) assinalam que há, em determinados espaços, “bloqueios físicos (muros), normativos (legislações e regramentos) e humanos (religião e etnias)” (2017: 10), além de diplomáticos, quando estados de “destino” envolvem nas “negociações” aqueles de trânsito e de origem (Brachet *et al.*, 2011; Gabrielli, 2008). Estas barreiras erguidas contra as migrações regulares e irregulares nunca são herméticas, sendo atravessadas por parte dos migrantes (Tedesco e Kleidermacher, 2017; Fall, 2010), que somam a esta estratégia a busca por destinos alternativos.

## Migração Sul-Sul de senegaleses

Reiteramos que a emigração intracontinental de senegaleses, desde o tempo da colonização, envolveu as antigas colônias francesas limítrofes ou não (Tall

9 Para este autor, a internacionalização da política migratória na Europa se deve à constatação das dificuldades de se fazer individualmente uma boa gestão das migrações (Gabrielli, 2008).

e Tandian, 2011a; Ndione, 2018). As pesquisas nacionais *Enquête Migration et Urbanisation au Sénégal (EMUS)* de 1992-1993 e *Recensement Général de la Population, de l'Habitat, de l'Agriculture et de l'Elevage*, publicada em 2013, colocam o continente africano como sendo o principal destino dos senegaleses no exterior, respectivamente com 55% e 45,9% (Ndione, 2018). Nestes dois censos, a Europa ficou em segundo lugar, respectivamente com 41% e 44,5%. Apesar de pequena, esta diferença confirma a afirmação de diversos estudos referidos por Ménard-Marleau (2018: 59) e para os quais a maioria dos africanos ainda migram em África. Os principais destinos intracontinentais da emigração senegalesa são a Mauritânia, a Gambia, o Gabão, a Costa de Marfim, o Congo, Marrocos e Mali (Ndione, 2018; Tall e Tandian, 2011a).

Novos destinos no Sul global aparecem. De acordo com Baeninger (2018a),

O cenário das migrações internacionais no século XXI tem sido marcado por movimentos migratórios que incluem percursos, cada vez mais intensos, entre os países do Sul global. [...] As migrações Sul-Sul entre e em direção aos países da América Latina na última década, demonstram a complexidade e a heterogeneidade da migração internacional (Baeninger, 2018a: 13).

Nos últimos anos, a migração para a América Latina decorrente, em parte, dessa nova conjuntura reordenou este fenômeno (Baeninger, 2018a; Kleidermacher, 2017; Tedesco e Kleidermacher, 2017) sem substituir os “espaços de referências” (Tedesco e Kleidermacher, 2017).

A migração para alguns países da América Latina, em particular, para o Brasil e a Argentina, está situada nessa nova dinâmica que não é apenas geográfica, mas movida por vários outros âmbitos e causalidades. Esse novo reordenamento dos fluxos tem muito a ver com legislações, controles, tensões e conflitos em países e regiões de maior presença dos fluxos de [até] então (Tedesco e Kleidermacher, 2017: 14).

Diante do acirramento do controle e da extensão das fronteiras do Norte (Gabrielli, 2008), a América Latina, notadamente para a Argentina e Brasil, mudaram de lugar no panorama da migração sul-sul africana. “O Sul não é só emissor de emigrantes, visão calcada na perspectiva do Norte; é preciso enfatizar que sua posição geopolítica traz novos contornos aos fluxos de migrantes e refugiados nesses países” (Baeninger, 2018b: 21). O estudo de Uebel (2018) apresenta a dinâmica e centralidade recentes dos países da Bacia do Prata<sup>10</sup> nas migrações

10 Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai (Uebel, 2018: 160).

de países do Sul global tal como o Senegal. Os estados que a constituem receberam 7,5 mil senegaleses entre 2010 e 2016, mesmo não sendo destinos prioritários deles (Uebel, 2018).

De acordo com Tedesco e Kleidermacher (2017), o Brasil e Argentina são referências da migração no Sul global, tendo tido uma ligação histórica com a imigração europeia e africana e adotado depois políticas de branqueamento por meio da imigração de europeus. Ambos forneceram emigrantes para países do Norte e, nos últimos anos, voltaram a receber imigrantes oriundos da Europa e da África. Dos oriundos deste continente, os senegaleses constituem uma nacionalidade destacada pela mídia na última década, apesar do pequeno número nestes dois países, e principalmente nos demais da Bacia do Prata (Uebel, 2018).

Ao falar da presença de senegaleses na Argentina, Kleidermacher (2017) e Espiro e Zubrzycki (2013) situam seu começo na década de 1990 e seu aumento a partir dos anos 2000<sup>11</sup>. Para Espiro (2017), a migração de senegalesa no Brasil “se dá posteriormente à da Argentina” (2017: 46). Ménard-Marleau (2017; 2018) parte de outros estudos para afirmar que a Argentina é o destino Sul-americano com maior número de senegaleses e que esta nacionalidade chegou “a ser o maior grupo dentre os migrantes subsaarianos” (Ménard-Marleau, 2017. Tradução nossa). Na Argentina, seu número mais elevado é estimado em pouco mais de 5.000 pessoas no período de 2010 a 2016<sup>12</sup>, tendo aumentado consideravelmente a partir de 2013 (Uebel, 2018: 176). A chegada de senegaleses na Argentina – país que exige visto e não dispõe de embaixada no Senegal – ocorreu majoritariamente de forma irregular. O percurso incluiu principalmente um trânsito sem necessidade de visto pelo Equador que serviu de “nó articulador da migração senegalesa na América do Sul” entre 2007 e 2016<sup>13</sup> (Ménard-Marleau, 2017; 2018). A partir de 2016, o Equador passou a exigir um visto, impactando significativamente aquele fluxo naquele ano (Ménard-Marleau, 2018).

Quanto ao Brasil, uma grande economia da América do Sul (Uebel, 2018), houve crescimento econômico (Espiro, 2017) do começo dos anos 2000 a 2014 (Oliveira, 2018) e atraiu não só imigrantes do Sul Global, mas também aqueles do Norte Global<sup>14</sup> (ver Dieme *et al.* 2019a; 2019b). Este país vinha recebendo

11 Num mapa de Tandian de 2002 (cf. Tall e Tandian, 2011[b]: 07), nenhum país da América Latina aparece seja como “antigo destino” ou como “novo destino”, sendo que os Estados Unidos e Canadá faziam parte da última categoria.

12 (Cf. Uebel, 2018; Espiro, 2021).

13 Foram mais 7 mil entradas regulares nesse período. Elas se intensificaram entre 2012 e 2015 quando ocorreram 6.931 delas. Poucas saídas foram registradas oficialmente (Ménard-Marleau, 2017).

14 A crise de 2008 atingiu o Norte sem afetar prontamente o Brasil e tornou o país atrativo para o Norte e o Sul.

estudantes universitários<sup>15</sup> (cf. Kaly, 2001) e, na última década, chegaram principalmente trabalhadores senegaleses, cuja entrada no território ocorreu em boa medida de forma irregular. A exemplo daqueles que iam para a Argentina (cf. Ménard-Marleau, 2017), muitos dos que buscavam chegar ao Brasil passaram pelo Equador, percorrendo, a partir de 2011-2012, parte do caminho traçado desde 2010 pelos haitianos (Dieme, 2016).

Outro elemento determinante da imigração de senegaleses no Brasil a partir do final da década de 2000 é a possibilidade de regularização provisória de sua estada. Este fato permitiu que senegaleses, então residentes na Argentina, saíssem dela para o Brasil. Foi o caso de nosso entrevistado Assamdie, residente no Rio Grande do Sul. Um entrevistado por Monteiro (2018) disse: “Eu estava na Argentina antes, aí o Brasil começou a “dar” documento, no final de 2009, eu vim fazer documento, eu vim para ficar no Brasil, aí eu morei em Passo Fundo” (Monteiro, 2018: 210). De acordo com Espiro (2017: 46. Tradução nossa), “embora alguns obtivessem a residência argentina por meio do programa de regularização, outra parte não conta com os títulos habilitantes para residir ou para trabalhar, [...]”. Ao chegar no Brasil, vindo da Argentina ou do Senegal, o recurso às anistias periódicas ou à solicitação de refúgio, encontrado na Lei n. 9474 de 1994, foram as saídas destes migrantes para estar, mesmo provisoriamente, em situação regular no país (Dieme, 2016).

Provisoriamente no Brasil é algo que pode ocorrer (Tedesco, 2017; Uebel, 2018), podendo ser provocada pelo desemprego (Uebel, 2018), que ocasiona uma remigração dentro da América Latina (Tedesco, 2017; Uebel, 2018) ou um retorno ao Senegal (Tedesco, 2017). Na migração senegalesa para o Brasil, o Equador serviu também de ponto de articulação (Ménard-Marleau, 2017). Daí sua relevância na análise da migração dos senegaleses no Sul global. Na ótica de Ménard-Marleau (2017), haveria uma relação entre a entrada no Equador e as chegadas de senegaleses na Argentina e no Brasil na década de 2010, na medida em que seu “fechamento” reduziu expressivamente o trânsito pelo país para as duas maiores economias da Bacia do Prata.

Nestes países, o trabalho de venda ambulante realizado por senegaleses é frequentemente mencionado, quando não tratado na produção acadêmica como assunto central (Espiro, 2021; 2017; Espiro e Zubrzycki, 2013). Este tipo de atividade tem relevância para este texto na medida em que contribui para a circulação de objetos materiais, envolvendo migrantes. No entanto, neste trabalho, pretende-se dar a mesma importância à circulação de mercadorias e demais objetos.

---

15 Trata-se do Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) em vigor desde a década de 1960.

## Objetos em circulação nacional e transcontinental

É na perspectiva transnacional das migrações que se baseia a análise aqui proposta sobre a circulação dos objetos entre os referidos continentes. Esta perspectiva pressupõe práticas econômicas e sociais que ultrapassam as fronteiras nacionais. De acordo com Cassarino (2013: 33), “o Transnacionalismo se propõe a formular um modelo teórico e conceitual que visa uma melhor compreensão dos intensos laços sociais e econômicos existentes entre os países de acolhida e de origem dos migrantes”. Cavalcanti e Parella (2013) entendem que “as práticas transnacionais nos mostram como os migrantes constroem e reconstróem suas vidas simultaneamente imbricadas em mais de uma sociedade (Cavalcanti e Parella, 2013: 10-11). Ao propósito das migrações de senegaleses, Maggi *et al* afirmam:

o caráter transnacional das migrações senegalesas, feitas de idas e vindas e trânsito de informação, produtos e de *savoir-faire*, bem como a expansão dos meios de comunicação modernos (mídias, internet, telefone), são todos fatores que contribuem para a percepção de uma interconexão entre os dois continentes [África e Europa] (Maggi et al, 2008: 31. Grifo nosso. Tradução nossa).

Aqui a necessidade de se entender os “arranjos locais” (Lobo, 2012) se impõe novamente.

## Circulação nacional de objetos

Cabe assinalar, portanto, que refletir sobre a circulação de objetos promovida por senegaleses em âmbito transnacional demanda que se analise primeiro e brevemente este fenômeno em escala nacional. Em um país como o Senegal, a prática que “impõe” que um “retornado/visitante” leve lembranças materiais, seja comida, roupa, objetos eletrônicos etc., para os de “casa”, é bastante comum no seio das famílias, bairros e comunidades. Esta “obrigação moral” – conhecida como *silafanda ou charité* – é bastante difundida<sup>16</sup>. Objetos que circulam nestas circunstâncias podem não pertencer a quem viaja ou destinados a parentes destes. Esta pessoa pode transportar objetos de terceiros destinados a amigos, colegas ou vizinhos. Pessoas que vêm da cidade, como aquelas que chegam do campo, são, por assim dizer, indispensáveis na viabilização da circulação interna de objetos.

16 Um dos autores deste trabalho, oriundo do Senegal e residente no Brasil, viveu por anos estas práticas em escala nacional; nos últimos anos, ele vem observando como outras similares existem em escala intercontinental entre emigrantes e seus parentes.

No caso destes últimos, são geralmente produtos naturais comestíveis (frutas, folhas, grãos, óleos, raízes), cartas, amuletos ou mercadorias que são levados para a cidade. Da cidade, costumam chegar roupas, sapatos, comidas industrializadas, materiais de construção, utensílios do lar, produtos de beleza e higiene pessoal. Se no campo se valoriza o que vem da cidade, e, portanto, do mundo “moderno”, há também um apreço do que se recebe do campo como objetos autênticos. Muitas vezes, a circulação de objetos envolvendo deslocamento ou viagens de pessoas que os transportam acaba assumindo um caráter de troca, pois às “visitas” se costuma reservar um acolhimento “especial”. Diante desta expectativa, elas trazem como “contrapartida” objetos aos “anfitriões”. Este é um contexto que merece atenção por constituir uma base da circulação social de objetos envolvendo imigrantes internacionais e intercontinentais, seus familiares e membros de suas comunidades na origem.

### Circulação transnacional dos objetos

No contexto transnacional atual, marcado por uma maior circulação de informações, que se deve ao desenvolvimento das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), um dos objetos que mais circula e com relativa facilidade é o dinheiro. No caso do Senegal, Ndione (2018) assinala que o país recebe milhões de dólares por ano enviados por seus emigrados por vias legais. Entretanto, parte do dinheiro que circula é levado em espécie pelos próprios donos em deslocamento. Porém, de acordo com a fala do entrevistado Linten, “acontece que imigrantes que vão de férias transportem quantias de dinheiro líquido de terceiros num envelope” (Linten, entrevistado em dez. 2020).

Graças aos meios de comunicação disponíveis hoje, o membro da família que está em outro continente pode doravante “estar presente” na vida cotidiana de quem não emigrou, e inclusive participar de tomadas de decisões no seio de sua família (Lobo, 2012). A recíproca é verdadeira. Com o uso destas ferramentas, sinal de novos tempos, objetos e presentes que circulavam no Senegal mudaram (Rémy e Ndione, 2020).

Ao analisar a circulação de objetos entre emigrados cabo-verdianos intercontinentais de e seus parentes no país de origem, Lobo (2012) destaca que há uma distinção entre o que os imigrantes enviam e o que recebem de seus parentes. Os primeiros enviam objetos da “modernidade”; os segundos, os da “tradição”. No tocante aos senegaleses *Soninké* na França, Coulibaly, um dos entrevistados de Rémy e Ndione (2020) fala o seguinte:

Cada retorno ao país, é o mesmo ritual, as mesmas obrigações, os presentes, os objetos para comprar, o dinheiro a dar para a família, para os parentes, isso demanda bastantes recursos. O migrante deve devolver aquilo que recebeu dos outros, é um peso grande, é a dívida simbólica. É nossa realidade (Entrevistado Coulibaly, por Rémy e Ndione, 2020: 28, Tradução nossa).

Quase todos os nossos interlocutores afirmam que grande parte dos objetos que eles enviam são destinados a parentes e conhecidos no país de origem. Trata-se, de acordo com os entrevistados Atyom, residente em França, e VieuxP, residente em Barcelona, sobretudo de objetos como roupas, telefones celulares, tabletes, computadores, produtos de higiene pessoal e sapatos de marca. A imigrante franco-senegalesa Kaloyi, residente atualmente no Canadá, relata ter enviado sapatos, televisão, fogão e roupas quando ainda morava na França. Conforme Rémy e Ndione (2020), “os objetos em circulação têm a ver com experiências culturais e, cada vez mais, com produtos de marcas mundiais ou importadas que permitem expressar status e privilégios” (Rémy e Ndione, 2020: 30).

Se estes são geralmente novos, outros objetos enviados são usados e existem na origem. O entrevistado Djimuna, residente na Alemanha, afirma que há imigrantes que recuperam, sem custo, objetos em bom estado, para enviá-los ao país de origem onde ganham uma nova vida útil. Ele acrescenta que Linten, residente na Alemanha, faz inclusive suas compras, em média uma vez por semestre, para enviá-las a sua família na Gambia, porque tais transações são benéficas.

Tal como no contexto nacional senegalês, em âmbito intercontinental, as “encomendas”, para retomar o termo usado por Lobo (2012), saem tanto da origem como do destino dos migrantes. No caso dos senegaleses nos citados países europeus e americanos, além dos produtos comestíveis, nossos interlocutores mencionam documentos administrativos (certidão de antecedentes criminais, de nascimento, de casamento, títulos de propriedade) e escolares, além de roupas, fotos, objetos de arte e tecidos.

A respeito dos senegaleses, Rémy e Ndione (2020) argumentam que, sociologicamente falando, “os objetos em circulação implicam várias categorias de atores, intermediários e contrabandistas, empresas, mascates, instituições locais e financeiras, mulheres, profissionais de todos os ramos que se envolvem em interações e transações múltiplas” (Rémy e Ndione, 2020: 31. Tradução nossa). Nosso olhar se foca apenas no papel dos próprios migrantes, nos intermediários, nas mulheres e nos profissionais de transporte de objetos, como os correios.

No tocante à circulação de objetos motivada por razões consideradas “afetivas”, o estudo de Lobo (2012) observa que os que levam os objetos num sentido



ou no outro são os próprios migrantes. Eles fazem este transporte por solidariedade ou como forma de retribuição. Este tipo de transporte é ainda atual entre migrantes senegaleses no Brasil, no Canadá, na França ou em Espanha. Já testemunhamos inúmeras vezes imigrantes senegaleses no Brasil informando a seus conterrâneos suas idas ao e voltas do Senegal, sabendo que teriam que fazer o favor de levar ou de trazer alguma coisa: “Vou para o Senegal no sábado, se quiser que leve alguma coisa pode me passar”; “Estou no hotel X, no apartamento Y em Dakar, se quiser que traga algo para você, peça para o pessoal levar para o hotel”, disse numa conversa, via WhatsApp, o imigrante Legrand que saiu da capital Brasília em novembro de 2020 para passar alguns dias em Dakar<sup>17</sup>.

A circulação transcontinental de objetos também tem uma dimensão comercial. Foi possível perceber, tanto na fala de Djimuna como na de VieuxP, que, quando os objetos são postos em movimento por imigrantes, estes podem ser destinados à venda: “Geralmente moças em situação migratória irregular coletam objetos descartados e assim que recebem auxílio, enviam, via contêiner de outrem, suas coisas que algum parceiro na origem recebe e vende” (Entrevistado, Djimuna, dez. 2021). Nas redes sociais, notadamente em *Facebook*, foi possível identificar a existência de uma loja virtual especializada em comércio de tecidos ditos “africanos” importados do Senegal e comercializados por uma família senegalesa residente no Rio de Janeiro. De acordo com Monteiro (2018), neste tipo de circulação de objetos entre familiares distantes, parentes de imigrantes senegaleses no Sul do Brasil recorreram a formas convencionais de envio, notadamente ao correio, para encaminhar as mercadorias demandadas. Aqui o transporte é feito por empresas.

A circulação de objetos tem uma dimensão que consideramos ambivalente por ser ao mesmo tempo comercializada por um lado e afetivo por outro. Respectivamente, os entrevistados Djimuna e VieuxP informam que frequentemente imigrantes senegaleses residentes tanto na Alemanha como na Espanha enviam contêineres para seus países de origem. Levam geralmente mercadorias e costumam anunciar tais iniciativas a fim de vender espaços a um preço relativamente acessível para seus conterrâneos. Esta forma de envio leva geralmente mais tempo e interessa àqueles que queiram enviar volumes maiores de objetos.

17 Esta conversa ocorreu entre ele e um dos autores deste trabalho que é senegalês residente no Brasil. Esse esteve no Senegal entre janeiro e abril de 2021. Transportou na ida remédios para a filha de uma conterrânea, sendo solicitado respectivamente por quatro senegaleses, também residentes no Brasil, e uma brasileira, a trazer na sua volta: cuscuz senegalês, livro(s), geleia, óleo de dendê e amuleto. Ele trouxe as três últimas coisas e um livro.

Em sua fala, o entrevistado Atyom apresenta uma situação bastante consolidada na França. É o trabalho de GP<sup>18</sup>, exercido por mulheres, que viajam regularmente e aceitam levar quantidades relativamente pequenas de objetos de imigrantes a parentes na terra natal e destes a seu emigrantes. Trata-se de um serviço pago e relativamente caro – de acordo com os entrevistados –; porém, de rápida entrega de objetos normalmente destinados ao uso. Pode-se notar que, no caso das GPs e dos contêineres, o transporte dos objetos enviados pelos imigrantes é cobrado, sendo a finalidade do envio a reprodução social dos laços de parentesco ou amizade.

Outra dimensão da circulação de objetos envolvendo migrantes intercontinentais senegaleses é a política. No Brasil, acompanhamos virtualmente (num grupo de WhatsApp) a mobilização de migrantes senegaleses em torno de um partido político. Estes precisaram do envio desde a origem de cartas de adesão e sua distribuição no território nacional brasileiro. Em sentido inverso, os imigrantes membros do referido partido juntaram dinheiro e adquiriram equipamentos enviados para os seguranças do líder desse partido no Senegal. Os cidadãos senegaleses votam nas eleições presidenciais em certos países da Europa. Em 2019, pela primeira vez, a comunidade senegalesa no Brasil participou da eleição presidencial. Houve o envio de material do Senegal para esse país para a confecção de documentos de migrantes e posterior envio dos passaportes e carteiras de identidade/eleitorais do Senegal para o Brasil.

Outro fator relevante da circulação de objetos relacionada a senegaleses expatriados é a religiosidade. Quanto à relação entre religiosidade e movimentação transnacional de objetos, Bava (2003), Bressan (2018) e Tedesco (2017) entendem que a religião expressa não só circulação de bens materiais, mas também interação, adaptação, identidade e inserção laboral dos migrantes. O que observamos nos casos da França, Espanha e Brasil é que esta relação remete particularmente a imigrantes do *Mouridisme*<sup>19</sup>, por serem os que mais tornam pública sua religiosidade e pertencimento *confrérique* neste contexto. Entende-se que, neste caso, a circulação a que se refere Bava (2003) envolve pessoas, dinheiro<sup>20</sup> e mercadorias. De “produtores pioneiros e vendedores de amendoim,

18 De acordo com o *Le Monde Afrique* de 29 de janeiro de 2015, GP quer dizer *Gratuité Partielle/Gratuidade Parcial*, “nome dado a senegalesas que aproveitam de suas ótimas condições de viagem para vender sua cota de quilos a mais, transportando pacotes para Dakar” ou para Paris. (Ver: Dans l’univers des «GP», les factrices clandestines entre Paris et Dakar (lemonde.fr)).

19 Trata-se de uma confraria criada no final do Século XIX na região central do Senegal por Cheikh Ahmadou Bamba e que se estrutura na cidade santa de Touba (Bava, 2003).

20 “É mais por meio do dinheiro que os *talibés*/discípulos expressam seu apego ao *marabout*/mestre espiritual do que só pelo trabalho. Ele é o meio de estar perto de Touba, mas é também para alguns uma prova do apoio que o *muridismo* proporciona aos *talibés*” (Bava, 2003: 04. Tradução nossa).

os murides se tornaram grandes comerciantes transnacionais” (Bava, 2003: 01. Tradução nossa). De acordo com esta autora, “se o econômico e o religioso são intimamente ligados no muridismo, não se pode dizer, no entanto, qual está a serviço do outro” (Bava, 2003: 02. Tradução nossa). Bressan (2018) informa que alguns pesquisadores “chamam a atenção para como a própria estrutura da confraria estimula tanto a emigração – para fins econômicos e de divulgação da religião –, quanto o associativismo, que impulsiona a criação de redes organizadas de apoio social e espiritual nos países de acolhida” (Bressan, 2018: 41). O pertencimento à confraria no Brasil ajudou na diversificação de objetos mercantilizados e destinados ao mundo globalizado, sendo parte deles reservado ao mercado halal (Bressan, 2018; Monteiro, 2018; Tedesco, 2017).

Neste caso específico, podemos notar que, enquanto muçulmanos, os senegaleses contribuíram para a circulação internacional de carne bovina e de aves brasileiras quando trabalharam em frigoríficos na região Sul do país (Tedesco, 2017; Monteiro, 2018; Bressan, 2018). “Há vários frigoríficos na região Sul do Brasil; há mais de duas dezenas de empresas vinculadas à certificação Halal de carnes (bovina e de aves)” (Tedesco, 2017: 312). O autor informa que, em 2016, um dos frigoríficos tinha “171 senegaleses, 78 deles no setor de abate Halal”<sup>21</sup> (Tedesco, 2017: 312). Ele acrescenta que a

presença de imigrantes senegaleses no quadro de funcionários do ramo de carnes, em geral, de frangos [era *intensa*]” e que] a Certificação Halal, presente nos frigoríficos, contribui com um percentual muito alto dos abates e da exportação (no total dos seis frigoríficos, a menor participação atinge em torno de 35% do total exportado), num deles a exportação é 100% Halal (Tedesco, 2017: 313. Grifo nosso).

Observa-se que, pelo trabalho em tais empresas, os imigrantes senegaleses participam do processo de circulação internacional de mercadorias não compradas, nem enviadas e nem vendidas por eles e tampouco destinadas prioritariamente a seu país de origem. Entretanto, apesar de desafios pela insalubridade em muitos setores (Tedesco, 2017) e exaustivas por demandarem força (Bressan, 2018), o exercício de tais atividades tem suas vantagens tanto para empregadores (Tedesco, 2017) como para estes trabalhadores (Tedesco, 2017; Bressan, 2018) e é mais uma forma de participação

21 A respeito destes senegaleses, Monteiro disse que são “Pertencentes à uma confraria do Islã denominada Mouride, [e que] a religião é um elemento central para entender a particularidade funcional que envolve trabalho dos senegaleses no setor de frigoríficos” (Monteiro, 2018: 212. Grifo nosso).

relevante da diáspora senegalesa na circulação internacional e intercontinental de mercadorias. Ao citar Silva (2012), Tedesco (2017) enumera “a Índia, Paquistão, Malásia, África do Sul, Estados Unidos, Egito, Arábia Saudita, Marrocos, Kuwait e Rússia [como] principais mercados” (Tedesco, 2017: 313. Grifo nosso).

Esta é mais uma forma de atuar ou influir na circulação de coisas pelo mundo capitalista. Os imigrantes participam também da circulação interna e internacional dos objetos em seus países de instalação e entre estes e outros países estrangeiros. Se “a desterritorialização do capital e a internacionalização de mercados podem ter como efeitos colaterais a migração internacional” (Bressan, 2018: 42), a migração senegalesa é parte da globalização por meio de suas práticas laborais com efeitos transnacionais. Este transnacionalismo ligado ao comércio aparece também na venda ambulante. Cabe notar que, de acordo com Rémy e Ndione (2020), “a extensão do campo da mercantilização atinge os corpos. Nas coisas que circulam, a estética, as representações da beleza ocupam certo lugar” (Rémy e Ndione, 2020: 37).

### Imigrantes e objetos em circulação em contexto migratório

Quando se fala em circulação de objetos relacionada à migração de senegaleses, é preciso considerar também individualmente os próprios lugares de imigração e a interação que seus respectivos migrantes estabelecem. A propósito destes lugares e do importante papel que os imigrantes desempenham, caberia analisar os casos do Brasil, da Argentina e de países europeus como a França, a Espanha, a Alemanha e a Itália. Nestes países, a prática do comércio (ambulante) por senegaleses é bastante conhecida e referida pela literatura (Monteiro, 2018; Ndione, 2018; Espiro, 2017; Bruzzzone *et al.*, 2006; Sow, 2004; Marfaing, 2003). Tal atividade, de grande visibilidade, é evidentemente uma das mais associadas à atual imigração senegalesa.

Para aqueles que se dedicam a este tipo de atividade, a formação de redes é fundamental tanto na identificação dos “fornecedores” como na compra e na revenda dos produtos. Em geral, estes produtos não são importados por eles e custam mais baratos. Sua aquisição pode ser feita individualmente ou por delegação de um dos comerciantes ambulantes. Diante disso, a circulação de objetos no país de instalação dos migrantes revela basicamente dois sentidos: a manutenção de uma rede comunitária, identitários e laboral e a busca por lucro.

## Os sentidos do movimento transnacional dos objetos

Partindo do que foi percebido por meio de entrevistas, e dialogando com a literatura, delimita-se basicamente as dimensões: sociais, econômicas, políticas, religiosas. Cada uma destas dimensões tem seus “sentidos”. Estes sentidos variam de acordo a natureza da dimensão, o que, no entanto, não exclui similaridades de sentidos entre dimensões distintas.

Assim sendo, na dimensão social, os objetos de uso levados gratuitamente por migrantes ou enviados de um lugar para outro mediante pagamento têm basicamente como função a manutenção ou reforço dos laços com a terra natal, de parentesco ou de amizade. A entrevistada Kaloyi disse que, na sua última viagem, encheu um barril de presentes, tudo para pessoas que lhe são caras. “Tais circulações podem também significar um agradecimento ou um ‘pagamento de dívida’ a uma pessoa ou comunidade. As dimensões sociais da circulação de objetos podem ter como objetivo melhorar as condições de vida, ou reintegrar socialmente o próprio doador (Rémy e Ndione, 2020), mas também promover prestígio, ou incluir, seja na “modernidade”, enviando objetos de marcas (Lobo, 2012; Rémy e Ndione, 2020), seja na comunidade nacional, recebendo objetos associados a ela. Quando a circulação de objetos ocorre mediante o transporte (solidário ou pago) de imigrante ou emigrante, ela tem o potencial de reforçar os laços entre todos os envolvidos. Para Lobo:

As remessas, o envio de bens, as visitas e os fluxos de coisas em geral seriam espécies de contextualização material dos laços de afeto, estratégia fundamental para a manutenção do sentimento de pertencimento e para a construção da “intimidade à distância”, tanto para os que estão fora quanto para os que permaneceram na terra natal (Lobo, 2012: 31).

Quanto à dimensão econômica, aquela na qual a circulação dos objetos envolve custos, sendo os objetos destinados à venda, pode-se dizer que nela o objetivo do migrante é a obtenção de lucro. Esta dimensão é mais perceptível no comércio (ambulante ou não). No caso de VieuxP, a circulação do objeto referido num dos casos o levou a se deslocar pessoalmente de Barcelona a Dakar: “Eu havia entrado neste negócio de carros. Comprar um carro aqui e leva-lo dirigindo até o Senegal. A viagem dura uns cinco dias. Chegando lá, vendo e depois volto” (Entrevistado VieuxP, dez. 2020).

Exemplos ilustrativos da relação dimensão política e circulação transnacional de objetos é, no caso brasileiro, o deslocamento periódico de uma comissão oficial para a renovação de passaportes de senegaleses nos últimos quinze anos.

Um caso emblemático envolvendo imigrantes no país é o da eleição presidencial do começo de 2019 na véspera da qual circularam inúmeros documentos pessoais deles do Senegal para o Brasil e no interior do Brasil. Alguns dos sentidos desta circulação são: o exercício do dever cívico, a participação ativa na política e a renovação do sentimento de pertencer ao Senegal.

Falar de circulação de objetos envolvendo religiosidade de migrantes senegaleses encontra no contexto sul-americano um terreno fértil. A presença de trabalhadores senegaleses em frigoríficos de abate halal no Brasil permitiu a inserção laboral destes trabalhadores pelo elo mais fraco de um processo da globalização, sem que isso diminua o alcance do impacto de seu trabalho no mercado global de carnes e frangos.

### Considerações finais

Para pensar a relação migração senegalesa e circulação intercontinental de objetos entre o Senegal, a Europa e a América contextualizamos primeiro a migração em questão. Com isso, evidenciou-se o lugar da América do Sul, em particular da Argentina e Brasil, no Sul global. Juntos; estes estados deram uma nova dinâmica e visibilidade à migração sul-sul senegalesa. O Equador acabou contribuindo involuntariamente nesta migração por meio de sua política migratória aberta aos senegaleses até 2015 (Ménard-Marleau, 2017).

Quanto à circulação intercontinental de objetos, foi a que ocorre na contemporaneidade, envolvendo emigrantes senegaleses na Europa e na América e, por outro, seus parentes residentes no Senegal, que foi o foco. Para uma melhor compreensão deste processo, foi relevante considerar, num primeiro momento, a circulação de objetos em contexto nacional. Isso mostrou que a circulação transcontinental de objetos constitui uma continuidade ampliada e complexa de um processo corrente em âmbito nacional. Os objetos partem mais dos países de imigração dos senegaleses do que do país de origem dos migrantes. Quando destinadas ao comércio, mercadorias como a carne halal de frigoríficos brasileiros podem não ser destinadas à origem dos trabalhadores migrantes, mas sim a um mercado maior de consumidores muçulmanos.

Na dimensão social da circulação de coisas, imigrantes enviam objetos do “mundo moderno” em estado novo ou usado. Não migrantes enviam objetos ligados à origem e à identidade, sejam eles comestíveis ou não. Em certos casos, é o custo baixo de produtos e o valor simbólico que determinam o envio de remessas materiais num sentido ou no outro.

As modalidades de envio de objetos usadas pelos imigrantes são pagas (contêineres e GPs e correios), mas convivem com aquelas baseadas na solidariedade entre emigrantes, e que beneficiam todos os envolvidos. Quanto aos parentes de emigrantes, estes recorrem, em menor medida, a serviços pagos e mais a migrantes para enviar suas encomendas a seus familiares.

Os objetos enviados têm significados para aqueles que os enviam ou recebem. Basicamente, são expressão de afeto do remetente pelo destinatário, mas podem também visar a obtenção do lucro, o apoio a uma instituição política ou à reafirmação da identidade religiosa ou nacional ou ampliação da mesma. De modo geral, o envio de objeto visa à reprodução social dos vínculos, seja com os parentes, com a pátria natal ou com a família religiosa ou política. Este processo acaba sendo mais uma preocupação dos migrantes do que de quem não migrou.

A especificidade da circulação transnacional de objetos materiais promovida por senegaleses está no envolvimento simultâneo de diversos atores e de formas neste processo que combina o que podemos chamar de circulação ‘social’, ‘ambivalente’, ‘comercial’, ‘política’ e ‘religioso’. A primeira é relativa à troca entre parentes. A segunda é sobre objetos de uso, mas cujo envio é pago e feito por terceiros, notadamente mulheres GPs. A terceira é aquela relativa a produtos destinados à venda e cujo transporte é pago. A quarta é relativa à circulação de documentos administrativos. Por fim, a quinta envolve migrantes religiosos que contribuem, graças à religião muçulmana e ao trabalho, para a circulação mundial de mercadoria halal.

Considerando a natureza da comunicação entre migrantes do mundo atual, e a circulação de informações e documentos não materiais, entende-se que seria pertinente que estudos relativos ao movimento de objetos, envolvendo migrantes, levassem em conta o movimento dos objetos virtuais.

## Referências

- ANSD. Agence Nationale de la Statistique et de la Demographie. *Situation économique et sociale du Sénégal en 2011*. Dakar, 2013.
- ANSD. Agence Nationale de la Statistique et de la Demographie. *Situation économique et sociale du Sénégal 2017-2018*. Dakar, 2020.
- ALVES, Rogéria Cristina. “Fascinante marfim”: a circulação dos objetos em marfim de origem africana (Angola, Portugal e Brasil, séculos XVIII e XIX)”. *Revista Ars História*. Rio de Janeiro, n. 14, jan./jun. 2017, pp. 137-156. Disponível em: <www.ars.historia.ufrj.br>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- BAENINGER, Rosana. Introdução. In: BAENINGER, Rosana *et al.* (Org.). *Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas, Nepo/Unicamp, 2018a, 13-14.

- BAENINGER, Rosana. Contribuições da academia para o Pacto global da migração: o olhar do Sul. In: BAENINGER, Rosana *et al.* (Org.). *Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas, Nepo/Unicamp, 2018b, pp. 17-22.
- BAVA, Sophie. De la «baraka aux affaires»: ethos économique-religieux et transnationalité chez les migrants sénégalais mourides. *Revue européenne des migrations internationales*. *Online*, v. 19, n. 2, 2003.
- BRACHET, Julien; CHOPLIN, Armelle; PLIEZ, Olivier. Le Sahara entre espace de circulation et frontière migratoire de l'Europe. *Hérodote*. Paris, La Découverte, n. 142, 3<sup>e</sup> trimestre, 2011, pp. 163-182. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-herodote-2011-3-page-163.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- BRESSAN, Laís Meneguello. Trabalho, associativismo e religião: notas sobre migração senegalesa para o Brasil. In: *Migrações internacionais contemporâneas e refúgio no Brasil*. S.l., Cetec capacitações, 2018, pp. 39-44.
- BRUZZONE, Virginia Tiziana; FALL, Papa Demba; TALL, Serigne Mansour; GUEYE, Cheikh. Le milieu sénégalais et l'action transnationale des migrants. Roma, Centro Studi di Politica Internazionale, 2006.
- CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sònia. El retorno desde una perspectiva transnacional. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Brasília, v. 21, n. 41, jul./dez. 2013, pp. 09-20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n41/02.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Brasília, Ano XXI, n. 41, jul./dez. 2013, pp. 21-54.
- DIEME, Kassoum. Imigração haitiana e política de acolhimento institucional na cidade de São Paulo: 2010-2015. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2016.
- DIEME, Kassoum; MACEDO, Marília de; QUINTINO, Felipe; CAVALCANTI, Leonardo; SIMÕES, André. Autorizações concedidas a imigrantes pela Coordenação Geral de Imigração Laboral – CGIL. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília (Org.). *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019*. Brasília, OBMigra, 2019a, pp. 20-42.
- DIEME, Kassoum; MACEDO, Marília de; QUINTINO, Felipe; TONHATI, Tânia. Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração – CNIg<sup>9</sup>. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília (Org.). *Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019*. Brasília, OBMigra, 2019b, pp. 43-49.
- DRS. DIRECTION DE LA RECHERCHE ET DE LA STATISTIQUE du Ministère de l'Immigration, de la Diversité et de l'Inclusion. 2014-2018, *Tableaux de l'immigration permanente au Québec*. 2019.



- DRS. DIRECTION DE LA RECHERCHE ET DE LA STATISTIQUE du Ministère de l'Immigration et des Communautés culturelles. *Tableaux sur l'immigration au Québec* (2002-2006). 2007.
- ESPIRO, María Luz. Prácticas comerciales entre migrantes africanos wolofs en Argentina: aportes para el análisis. *Estudios de Asia y África*. Ciudad de México, México, v. 56, n. 1 (174), 2021, pp. 95-124.
- ESPIRO, María Luz. Senegaleses entre la Argentina y el sur de Brasil: etnografía de la movilidad regional y la alternancia laboral entre venta ambulante e industria. In: MAFFÍA, Marta; ZUBRZYCKI Bernarda (Coord.). *Africanos y afrodescendientes en la Argentina: prácticas, representaciones, narrativas y memorias*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Biblos, 2017, pp. 41-60.
- ESPIRO, María Luz; ZUBRZYCKI, Bernarda. tensiones y disputas entre migrantes africanos recientes y organismos de control estatal el caso de los senegaleses en la ciudad de la plata. *Question*, v. 1, n. 39, 2013, pp. 109-121.
- FALL, Magatte. La diaspora sénégalaise au Canada. *Hommes & migrations*. Online, 1307, 2014, 01 jul. 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/hommesmigrations/2871>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- FALL, Magatte. Migration des étudiants sénégalais: impact sur le développement de leur pays d'origine. *Hommes & migrations*. Online, 1286-1287, 2010, 29 maio 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/hommesmigrations/1755>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- GABRIELLI, Lorenzo. Flux et contre-flux entre l'Espagne et le Sénégal. L'externalisation du contrôle des dynamiques migratoire vers l'Afrique de l'Ouest. *REVUE Asylon(s)*. Online, n. 3, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.reseau-terra.eu/article716.html>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- KALY, Alain Pascal. Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial. In: CASTRO, Mary Garcia. (Org.). *Migrações internacionais: contribuição para políticas*. Brasília, IPEA, 2001, pp. 463-478.
- KANTÉ, Seydou. Les sénégalais émigrent aussi vers les États-Unis. De fortes différences toutefois avec la France. *Associations Population & Avenir*. Paris, v. 4 n. 689, 2008, pp. 17-19.
- KLEIDERMACHER, Gisele. Apresentação da parte II. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre, EST Edições, 2017, pp. 70-78.
- KOK, Glória. A fabricação da alteridade nos museus da América Latina: representações ameríndias e circulação dos objetos etnográficos do século XIX ao XXI. *Anais do Museu Paulista. São Paulo, Nova Série*, v. 26, 2018, pp. 01-30. e06d1

- LACROIX, Thomas; SALL, Leyla; SALZBRUNN, Monika. Marocains et Sénégalais de France: permanences et évolution des relations transnationales. *Revue européenne des migrations internationales*. Online, v. 24, n. 2, 2008 [pp. 23-43], 01 nov. 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/remi/4472>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- LOBO, Andréa de Souza. Mantendo Relações a Distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In: TRAJANO FILHO, Wilson. (Ed.). *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. 2. ed. Brasília, ABA Publicações, 2012, pp. 29-46.
- MAGGI, Jenny; SARR, Dame; AMADEI, Novita. *Louga, Sénégal: Représentation autour de la migration auprès d'une communauté d'origine*. Genève, Réseau Universitaire International de Genève, 2008.
- MARFAING, Laurence. Introduction. In: MARFAING, Laurence. *Les Sénégalais en Allemagne: quotidien et stratégies de retour*. Paris, Ed. Karthala, 2003, pp. 07-13.
- MÉNARD-MARLEAU, Andrée. ¿Irse o quedarse? Las formas y dinámicas de movilidad de los migrantes senegaleses en América del Sur (2007-2016). 2018.
- MÉNARD-MARLEAU, Andrée. Ecuador como nodo articulador de la migración senegalesa en América del Sur. *Migración y Desarrollo*. Ginebra, v. 15, n. 29, segundo semestre, 2017, pp. 32-50.
- MONTEIRO, Cristiano Sobroza. O que cabe na mala? Deslocamentos e circulação de objetos da diáspora senegalesa em “terra de italianos”. *Século XXI, Revista de Ciências Sociais*. Santa Maria-MS, v. 8, n. 1, jan./jun. 2018, pp. 203-232.
- N'DIAYE, Tidiane. *O genocídio ocultado. Investigação histórica sobre o tráfico negreiro arabo-muçulmano*. 2. ed. Tradução: Tiago Marques. Lisboa, Gradiva, 2019.
- NDIONE, Babacar. Migration au Sénégal: Profil national 2018. Union Européenne et Commission de la CDEAO: ANSD-OIM, 2018.
- OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Movimentação e registro de migrantes no Brasil: dados do STI e SINCRE. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. Migração e mercado de trabalho no Brasil. *Relatório Anual 2018*. Brasília, OBMigra, 2018, pp. 55-74.
- PIAN, Anaik. *La fabrique des figures migratoires depuis l'expérience des migrants sénégalais*. *Journal des anthropologues*. Paris, n. 118-119, 2009, pp. 249-277. Disponível em: <<http://jda.revues.org/4060>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- RÉMY, Eric; NDIONE, Louis César. L'impact de la globalisation sur les systèmes de don: le cas de la migration sénégalaise. *Recherche et Applications en Marketing*. Online, v. 35, n. 1, 2020, pp. 28-44.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Antropologia da globalização: circulação de pessoas, mercadorias e informações. *Série Antropologia*. Brasília, 2011, pp. 01-33. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie435empdf.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

- ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso e circulação de objetos transculturais: processos translatórios entre oralidade e escrita. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 139-152/ Eng. 144-158, nov. 2019. ISSN 2317-2347.
- SAKHO, Pape; DIAGNE, Abdoulaye; SAMBOU, Pierre Corneille. Le bassin arachidier, du receptacle de flux internes au foyer d'émigration interne et internationale. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre, EST Edições, 2017, pp. 21-40.
- SAYAD, Abdelmalek. *O retorno – elemento constitutivo da condição do imigrante*. Volume especial de *Travessia*. *Revista do Migrante*. São Paulo, ano XIII, número especial, jan. 2000.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, 1998.
- SOW, Papa. Practicas comerciales transnacionales y espacios de acción de los senegaleses en España. In: ESCRIVÁ, Angeles; RIBAS, Natalia (Coord.). *Migración y desarrollo*. *Estudios sobre remesas y otras practicas transnacionales*. Córdoba, csic, 2004, pp. 235-254.
- TALL, Sérigne Mansour; TANDIAN, Aly. Cadre Générale de la Migration Internationale Sénégalaise : Historicité, Actualité et Prospective *Série: «CARIM AS»*, n. 54, 2011[a], pp. 01-12.
- TALL, Sérigne Mansour; TANDIAN, Aly. Migration circulaire des Sénégalais : des migrations tacites aux recrutements organisés. «CARIM AS», n. 52, 2011[b], pp. 01-16.
- TALL, Sérigne Mansour; TANDIAN, Aly. Entre regroupement familial et migrations autonomes des femmes sénégalaises. Quelle analyse de genre des migrations sénégalaises? *Série: «CARIM AS»*, n. 69, 2010, pp. 01-14.
- TEDESCO, João Carlos. “Em nome de...”: religião, trabalho e mercado. Senegaleses em frigoríficos do centro-norte do Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre, EST Edições, 2017, pp. 311-338.
- TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele. Introdução geral. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre: EST Edições, 2017, pp. 09-18.
- THEODORO, Mário. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: THEODORO, Mário (Org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília, Ipea, 2008, pp. 15-43.
- UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. Dinâmicas migratórias e transfronteirizações na Bacia do Prata: um olhar sobre a migração transnacional de haitianos e senegaleses. In: BAENINGER, Rosana *et al.* (Org.). *Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas, Nepo/Unicamp, 2018, pp. 160-181.

Recebido em: 05/01/2021

Aprovado em: 23/02/2021

**Como citar este artigo:**

DIEME, Kassoum; CAVALCANTI, Leonardo. Circulação transnacional de objetos e reprodução social envolvendo migrantes senegaleses. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, jan.- abril 2021, pp. 67-94.